

Os objectos não querem mais  
ser objectos. É a revolta  
da coisa.

**Clarice Lispector**  
*Um sopro de vida* (1999)

# CLARICE LISPECTOR

A black and white photograph of Clarice Lispector. She is shown in profile, sitting at a typewriter. Her eyes are closed, and she has a contemplative expression. She is wearing a light-colored, possibly white, blouse. The background is a window with light coming through, creating a soft, ethereal atmosphere. The typewriter is a vintage model, and her hands are positioned on the keys.

O objeto — a coisa — sempre me fascinou e de algum modo me destruiu. No meu livro *A Cidade Sitiada* eu falo indiretamente no mistério da coisa. Coisa é bicho especializado e imobilizado. Há anos também descrevi um guarda-roupa. Depois veio a descrição de um imemorável relógio chamado Sveglia: relógio eletrônico que me assombrou e assombraria qualquer pessoa viva no mundo. Depois veio a vez do telefone. No "Ovo e a Galinha" falo no guindaste. É uma aproximação tímida minha da subversão do mundo vivo e do mundo morto ameaçador.

Não, a vida não é uma opereta. É uma trágica ópera em que num balé fantástico se cruzam ovos, relógios, telefones, patinadores do gelo e o retrato de um desconhecido morto no ano de 1920.

Descobrir uma nova maneira de viver. Creio que a chave está em ver a coisa na coisa, sem transbordar dela para frente ou para trás, fora do seu contexto. O resultado de um processo tão novo de olhar o momento que passa seria muitas vezes estranhar uma coisa como se pela primeira vez a víssemos. Olhar a coisa na coisa hipnotiza a pessoa que olha o ofuscante objeto olhado. Há um encontro meu e dessa coisa vibrando no ar. Mas o resultado desse olhar é uma sensação de oco, vazio, impenetrável e de plena identificação mútua. Deus me perdoe creio que estou divagando sobre o nada. Mas uma coisa eu tenho certeza, esse nada é o melhor personagem de um romance. Nesse vácuo do nada inserem-se fatos e coisas. O que se vê nesse modo de tornar tudo absolutamente do estado presente, o resultado não é mental: é uma forma muda de sentir absolutamente intraduzível por palavras.

Mas eu também quero pintar um tema, quero criar um objeto. E esse objeto será - um guarda-roupa, pois que há de mais concreto? Tenho que estudar o guarda-roupa antes de pintá-lo. Que vejo? Vejo que o guarda-roupa parece penetrável porque tem uma porta. Mas ao abri-la vê-se que se adiou o penetrar: pois por dentro é também uma superfície de madeira, como uma porta fechada. Função do guarda-roupa: conservar no escuro os travestis. Natureza: a inviolabilidade das coisas. Relação com pessoas: a gente se olha ao espelho da parte de dentro de sua porta, a gente se olha sempre em luz inconveniente porque o guarda-roupa nunca está em lugar adequado: desajeitado, fica de pé onde couber, sempre descomunal, corcunda, tímido e desastrado, sem saber como ser mais discreto, pois tem presença demais. Guarda-roupa é enorme, intruso, triste, bondoso.

Mas eis que se abre a porta-espelho - e eis que, ao movimento que a porta faz, e na nova composição do quarto em sombra, nessa composição entram frascos e frascos de vidro de claridade fugitiva.

Ai posso pintar a essência de um guarda-roupa. A essência que nunca é cantabile. Mas quero ter a liberdade de dizer coisas sem nexos como profunda forma de te atingir. Só o errado me atrai, e amo o pecado, a flor do pecado.



*A poesia das Coisas*  
(Sivana Tavano & Adriana Fernandes)

antes de entrar em ação  
o prego olha para o martelo  
e dá um sorrisinho amarelo

tremendo de medo, resolve falar:

– sou forte, acho que posso aguentar...  
mas, por favor, bate devagar!

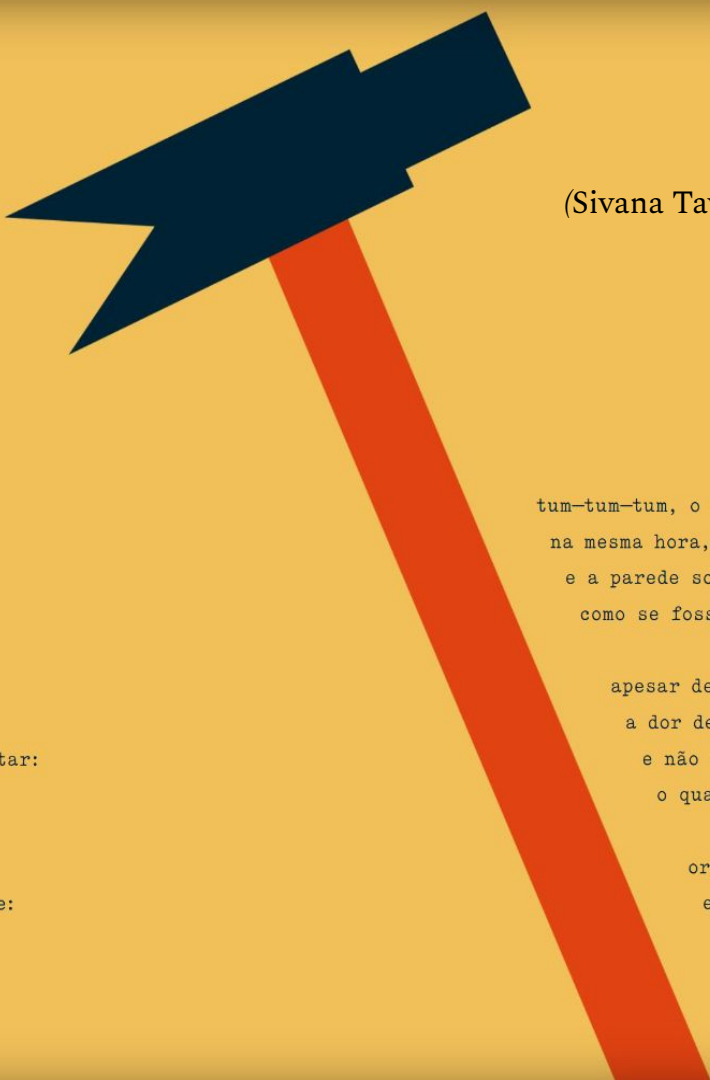
novinha em folha, a parede fica assustada  
e parece ainda mais branca quando ousa perguntar:  
– vai doer? é a minha primeira martelada!

neste momento, o martelo quase desiste  
mas o quadro quer ser pendurado e insiste:  
– vamos logo com isso, coragem!  
todos querem ver a minha paisagem

tum-tum-tum, o martelo finalmente começa  
na mesma hora, o pobre prego geme à beça  
e a parede solta uma lágrima-pozinho  
como se fosse um choro fininho

apesar de todo esse clima  
a dor de todo mundo logo passa  
e não é que presinho lá em cima  
o quadro ficou uma graça?

orgulhoso, o prego agora segura firme  
e a parede já nem se lembra da ferida  
feliz, o martelo volta para sua caixa  
com mais uma missão cumprida!



## O Apanhador de Desperdícios

de *Memórias Inventadas: a Infância* (2003)

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras  
fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas.

Dou respeito às coisas desimportantes  
e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim esse atraso de nascença.

Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos

como as boas moscas.

Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.

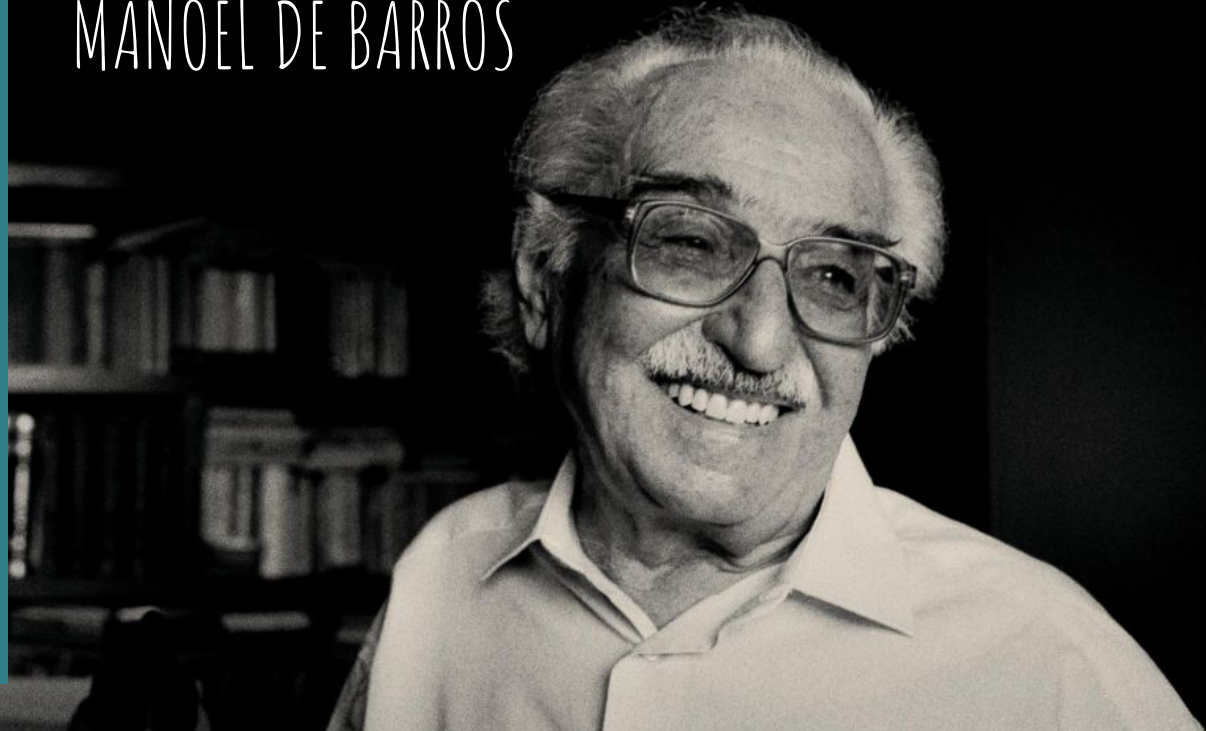
Porque eu não sou da informática:

eu sou da invenção.

Só uso a palavra para compor meus silêncios.

1. Sem metáfora eu me vejo assim : um fazendeiro do Pantanal,  
de bota, chapéu e baldrana. Que anda no cerrado como quem anda  
na rua. Que desvia de cobra como quem desvia de carro. Que  
acha tristeza funda em berros de boi. Sem metáforas nós não  
somos poetas - nem você nem eu.

# MANOEL DE BARROS



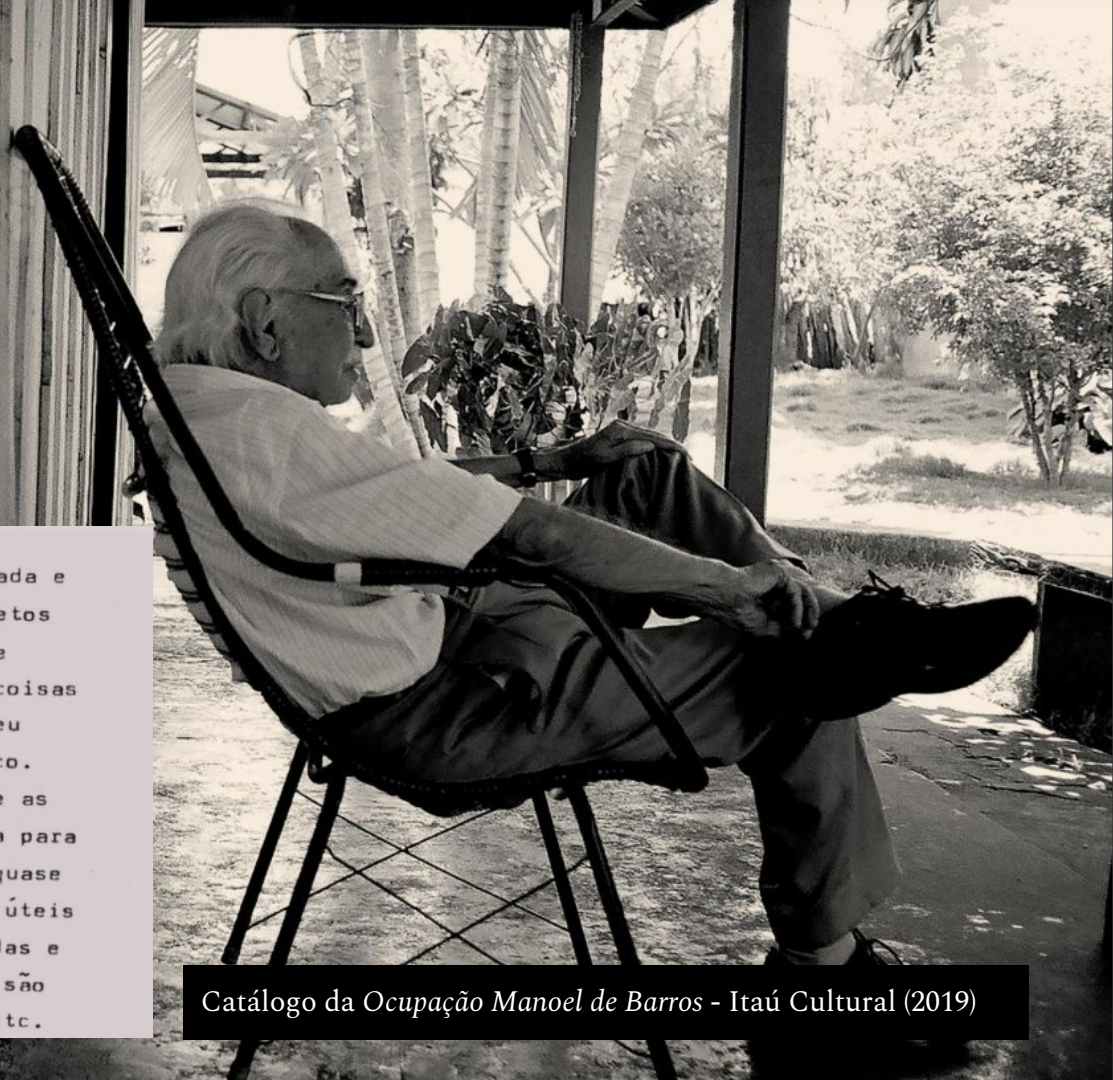
As coisas que não levam a nada  
têm grande importância

Cada coisa ordinária é um elemento de estima


Cada coisa sem préstimo  
tem seu lugar  
na poesia ou na geral

Resposta - As coisas que não prestam mais pra nada e estão jogadas fora por inúteis são para mim objetos de estima. Sei que isso é um desagero sem grau de estima para os outros. Sei que a maioria prefere coisas úteis e as pessoas bem postas na sociedade. Mas eu não sou tantã, juro. O meu gosto é apenas estético. O caso é que as coisas úteis são muito queridas e as outras são desprezadas. E eu tenho uma tendência para gostar das palavras desprezadas. As virgens e as quase intocadas. Pelo andar se pode perceber que coisas úteis ou desprezadas são palavras. Palavras muito usadas e palavras quase virgens. Todas as coisas para mim são palavras assim como todos os atos, sentimentos, etc.

Catálogo da Ocupação Manoel de Barros - Itaú Cultural (2019)



# ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO



“O trabalho de Bispo está no gesto de criar esses pequenos objetos e peças retirados de seus lugares no cotidiano da colônia, das casas do campo e da cidade, levando-os para "vitrines" que formam um grande painel organizado metodicamente. São Havaianas, Congas, botas de borracha, bolsas femininas, pentes de plástico, uma lista enorme. E o retrato de um homem que cria e ordena tudo, inclusive as ferramentas que usa para fazer sobreviver a sua própria história, aquela da criança no interior de Sergipe, do marinheiro do mundo, do boxeador e do mecânico de bondes carioca, e do paciente de saúde mental do hospício, um não lugar.

**Zelador de objetos, era assim que Bispo constituía a sua obra**”. (RESENDE, 2023, p. 30).



Exposição Bispo do Rosário - eu vim: aparição, impregnação e impacto - Itaú Cultural (2022)





# Museum of the Second World War (Gdansk – Polônia)



NELLY FRIEDMANN  
906.7916  
7362

NELLY FRIEDMANN  
906.7916  
7362

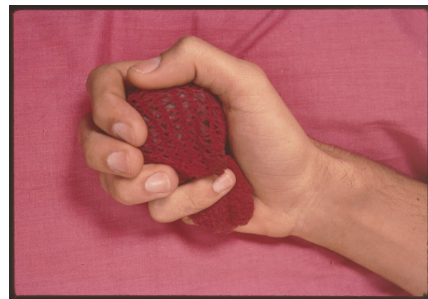


1550 Chairs Stacked Between Two City Buildings, Bienal de Istambul – Doris Salcedo (Colômbia)



# LYGIA CLARK

O "objeto relacional" não tem especificidade em si. Como seu próprio nome indica é na relação estabelecida com a fantasia do sujeito que ele se define. O mesmo objeto pode expressar significados diferentes para diferentes sujeitos ou para um mesmo sujeito em diferentes momentos. Ele é alvo da carga afetiva agressiva e passional do sujeito, na medida em que o sujeito lhe empresta significado, perdendo a condição de simples objeto para, impregnado, ser vivido como parte viva do sujeito. A sensação corpórea propiciada pelo objeto é o ponto de partida para a produção fantasmática. O "objeto relacional" tem especificidades físicas. Formalmente ele não tem analogia com o corpo (não é ilustrativo), mas cria com ele relações através de textura, peso, tamanho, temperatura, sonoridade e movimento (deslocamento do material diversificado do que o preenche): "ele cria formas cujas texturas e metamorfoses contínuas engendram ritmos corolários aos ritmos sensuais que experimentamos na vida"<sup>(1)</sup>. No momento em que o sujeito o manipula, criando relações de cheios e vazios, através de massas que fluem num processo incessante, a identidade com seu núcleo psicótico desencadeia-se na identidade processual do plasmar-se. Citarei curiosos exemplos de pessoas amigas que vivenciaram os "objetos relacionais".



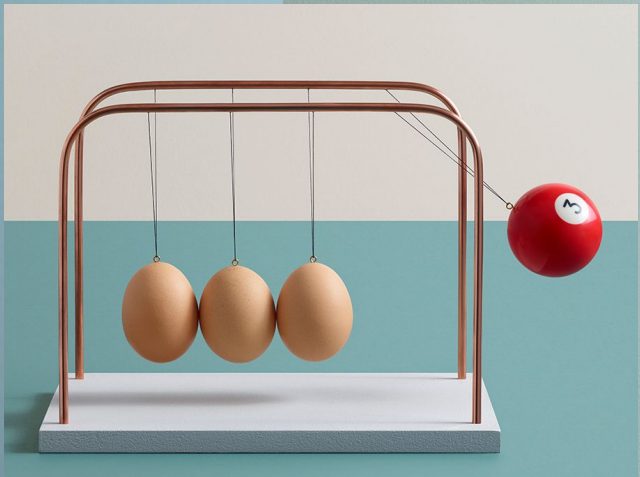
# METÁFORA

*Transpor o sentido literal para o figurado  
através de comparação implícita*

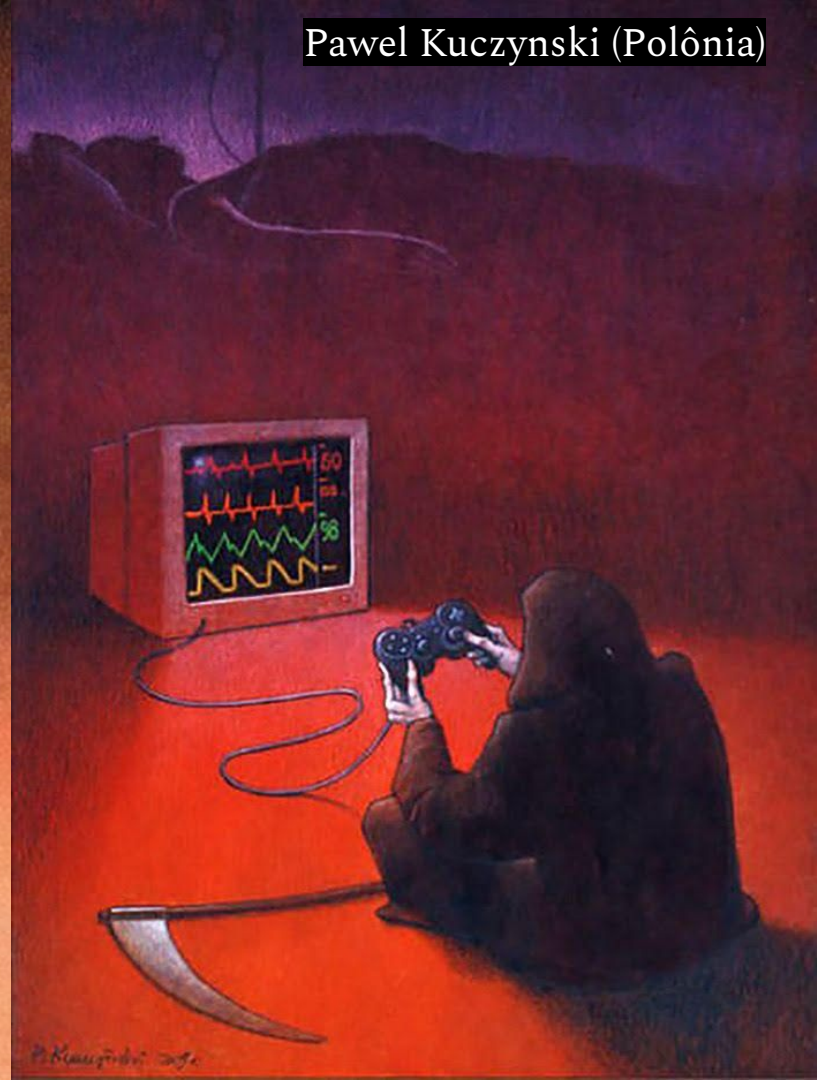
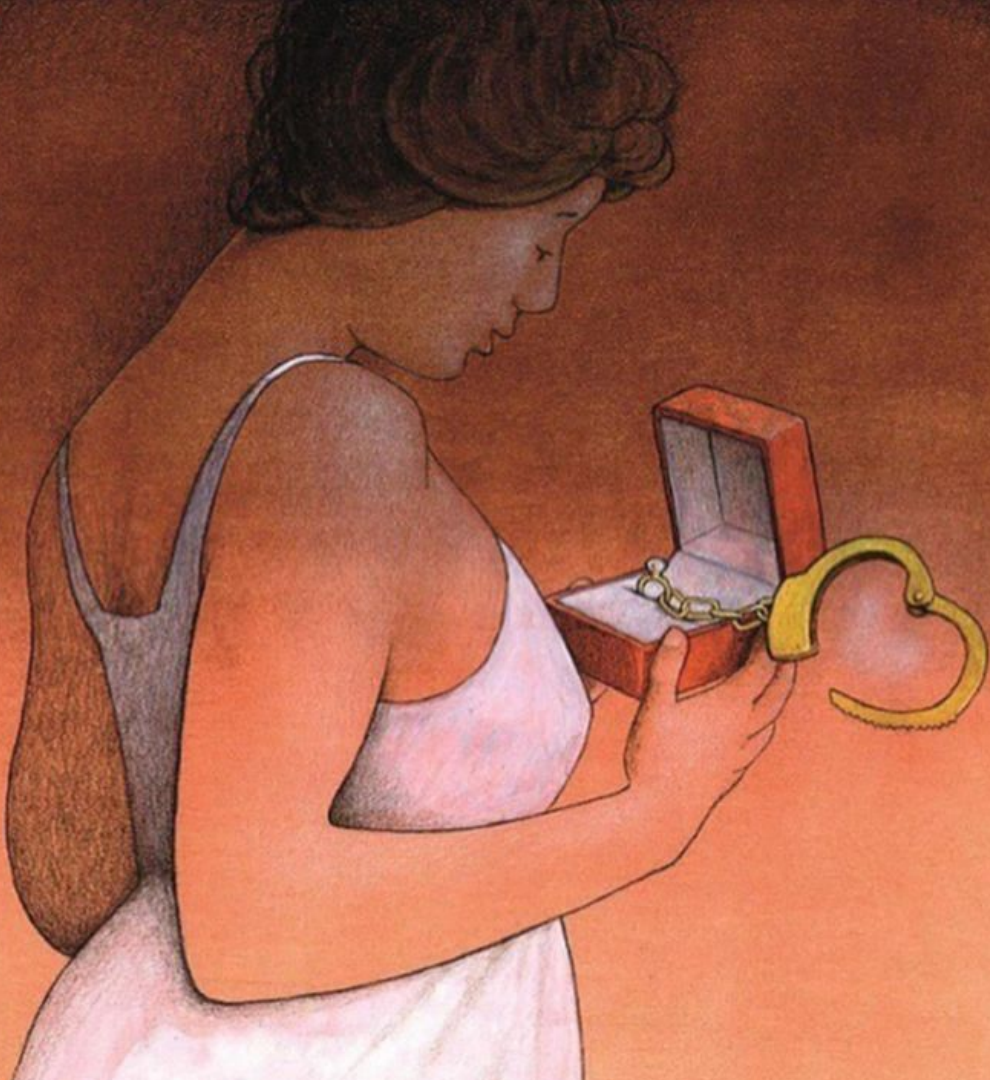


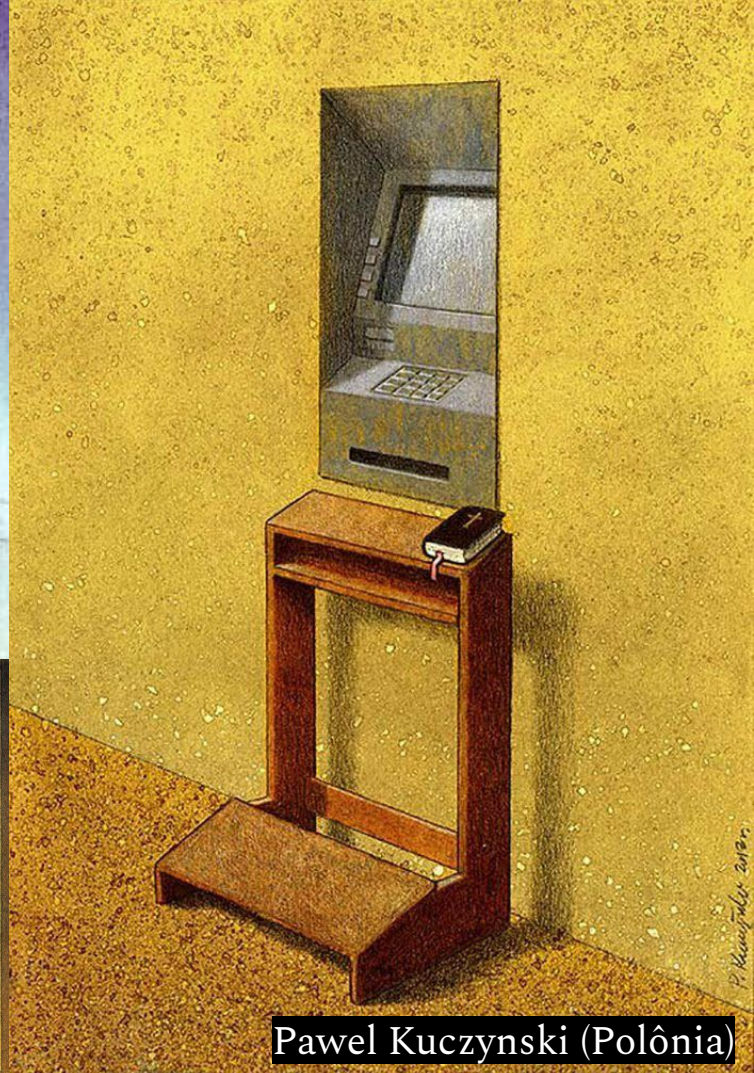
# METONÍMIA

*Substituição a partir de uma relação explícita*



*Conceptual Anxiety Photos, de Aaron Tilley (Inglaterra)*





Pawel Kuczynski (Polônia)